

MUSEU DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO: APROXIMAÇÃO E DIÁLOGOS COM PROFESSORES

Ozias de Jesus Soares¹

Bianca Reis²

Hilda Gomes³

Carla Gruzman⁴

RESUMO

O texto discute o lugar dos museus no âmbito da formação humana e o acesso aos equipamentos de cultura, em especial na relação museu/universidade-escola. Para tal, apresenta um conjunto de dados para compreender a relação de professores em contexto de participação em uma atividade denominada “Encontros de Professores”, realizada pelo Museu da Vida, no Rio de Janeiro. Tendo como objetivo investigar e analisar os dados sociodemográficos e opiniões desses participantes no período de 2014 a 2017, o estudo coloca a possibilidade de contribuir para emergência de novas práticas. A metodologia utilizada ancora-se na perspectiva qualitativa em pesquisa social, com uma abordagem exploratória. O texto apresenta resultados da aplicação e tabulação de um questionário auto aplicado, do qual se elegeu 4 categorias para análise: perfil etário, formação acadêmica, atuação profissional e local/cidade de exercício da docência. As informações destacam uma expressiva participação de professoras e professores das redes públicas de ensino engajados na atividade e uma grande incidência de profissionais das áreas de Pedagogia e Ciências Biológicas. Percebeu-se que a participação expressiva de estudantes dos cursos de formação de professores (Curso Normal e licenciaturas) coloca em evidência as demandas por uma dimensão formativa que conjugue os diversos espaços de educação. Além da contínua tarefa de aproximar e agregar novos públicos, concluímos que ao Museu cabe fortalecer a ideia do trabalho educativo numa perspectiva colaborativa e interdisciplinar.

Palavras-chave: Museu de ciências; professores; participação; formação; educação não escolar;

INTRODUÇÃO

Diferentes equipamentos culturais vêm sendo colocados como espaços de socialização, de entretenimento e também de educação, conjuntamente. Sob o termo educação estão acolhidas diversas acepções, instituições, espaços e tempos que constituem o caminhar ontológico humano. Uma das instituições que cumpre um papel situado na interseção entre cultura, lazer e educação são os museus. Comumente, a educação praticada nesses espaços é tipificada enquanto “não formal” ou “não escolar”, no intuito de demarcação dos diferentes lugares (espaços-tempos) e modalidades onde a formação humana pode ocorrer. No

¹Doutor em Ciências Sociais, Museu da Vida/COC/Fiocruz, ozias.soares@fiocruz.br;

²Mestre em Educação, Museu da Vida/COC/Fiocruz, bianca.reis@fiocruz.br;

³Mestre em Educação, Museu da Vida/COC/Fiocruz, hilda.gomes@fiocruz.br;

⁴Doutora em Educação, Museu da Vida/COC/Fiocruz, carla.gruzman@fiocruz.br;

cumprimento de sua função educativa, museus lançam mão de diversas estratégias e ações, nas quais se colocam o desafio permanente de escuta, de avaliação e de tomada de decisões que implicam uma relação cada vez mais profícua com seus públicos. No contexto brasileiro, as instituições museais possuem como público majoritário crianças e jovens da educação básica. Neste sentido, investigações que tomam como mote a relação dos museus com a escola são fundamentais na direção do conhecimento de especificidades e demandas colocadas a ambas as instituições. Um segmento importante da comunidade escolar na sua relação com os museus são os professores e gestores. De que forma o museu interage com esses atores?

O presente texto trata de explicitar resultados de uma pesquisa sobre a relação de professores com um museu interativo de ciências na cidade do Rio de Janeiro, o Museu da Vida, a partir de um programa desenvolvido há alguns anos, chamado de “Encontro de Professores”. Questões de várias ordens orientaram a pesquisa, dentre as quais citamos: com que objetivos os museus propõem ações para trazer professores para suas atividades? De que modo essas atividades são organizadas? Quem são os professores que buscam o programa “Encontro de Professores”? O que o perfil desse público pode nos informar sobre a relação entre museus, escolas e universidades?

A pesquisa teve como objetivo principal analisar os dados sociodemográficos e opiniões de participantes dos Encontros de Professores (EP) no período de 2014 a 2017, tendo como finalidade a escuta desses sujeitos de modo a subsidiar novas práticas.

METODOLOGIA

A metodologia da investigação ancora-se na perspectiva dos estudos qualitativos em pesquisa social, com uma abordagem da pesquisa exploratória. Fundamentados em Gil (2008, p. 27), compreendemos que estudos desta natureza, têm como principal finalidade, “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. Adicionalmente, considerando que estamos diante de estudo realizado a partir de um segmento específico do público do Museu, esta pesquisa se orientou pelos pressupostos de natureza descritiva nas pesquisas sociais. Nessa vertente, é primordial o delineamento das características de determinada população ou fenômeno e o conseqüente estabelecimento de relações entre variáveis (GIL, 2008, p.28).

Enquanto instrumentos de produção dos dados para o estudo, este texto apresenta resultados de aplicação de um questionário auto aplicado, contendo uma estrutura tríplice: (1) perfil dos professores, (2) antecedentes em relação à visita ao Museu e (3) opinião sobre a atividade e o Museu. Neste texto, em função dos limites da apresentação, trouxemos uma análise do perfil dos educadores que participam desse programa. Os dados quantitativos resultantes da aplicação de um instrumento auto aplicado, não constituem, em si, uma base para análise geral ou propriamente amostral, passível de generalizações. Entretanto, trazem contribuições para uma compreensão, numa realidade local, de quem é o público, entre docentes e licenciandos, que participam do Programa em tela.

O programa Encontro de Professores tem como objetivo apresentar a proposta educativa e abordar os espaços temáticos do Museu da Vida. Trata-se de uma oferta de atividade de fortalecimento de parcerias e de escuta sensível para aprimoramento das ações. Os participantes são convidados a preencherem um questionário com o perfil apresentado acima, ao final de cada encontro. Ao longo do ano, o Museu oferece pelo menos três Encontros mensais em sua grade de agendamento. O preenchimento do questionário é voluntário e pode ser respondido tanto por docentes dos diversos níveis e modalidades da educação, quanto por estudantes de graduação ou responsáveis por instituições não escolares. Ressaltamos que a participação nos Encontros de Professores não é condição para que os professores/gestores agendem visitas posteriores com seus grupos.

DESENVOLVIMENTO

Em séculos recentes, no contexto europeu, os museus surgem como espaços de guarda de objetos e de coleções, servindo a diversos propósitos, dentre eles à pesquisa, à memória e à educação. Em nosso meio, na cidade do Rio de Janeiro, a chamada “Casa dos Pássaros”, criada em 1781, é tida como o “primeiro museu de história natural do continente americano” (PAPAVERO e TEIXEIRA, 2013). Desde o início do século XIX, os museus no Brasil já se faziam representar por algumas instituições. Ressalta-se, todavia, que antes disso, Maurício de Nassau, por ocasião da ocupação holandesa no atual nordeste brasileiro, entre os anos de 1630 e 1654, instalou em Recife, um complexo cultural constituído por um Jardim Botânico, um Museu de História Natural e um Zoológico, instituições que tiveram existência efêmera. Em 1818, é criado o Museu Real (atual Museu Nacional), com a finalidade de colecionismo, estudo e conhecimento das ciências naturais. Após este, outros museus foram criados no mesmo século, dentre os quais podemos citar: em 1844, o Gabinete de História Natural do

Maranhão; em 1866, o Museu Paraense (que se tornou atualmente o Museu Paraense Emílio Goeldi); em 1875, o Museu Paranaense; em 1883, o Museu Botânico do Amazonas e em 1894, o Museu Paulista (SANTOS, 2000). Após a década de 1950 uma série de museus, zoológicos e centros de ciências foram sendo criados numa perspectiva de educação e comunicação de acervos. Soma-se a isto, a partir da década de 1980, a inauguração de museus e centros de ciências calcadas numa perspectiva de interatividade, torna-se uma tônica em nosso contexto.

Atualmente, contabiliza-se cerca de 4 mil museus no país e cada vez mais coloca-se o desafio de elencar estratégias que possam dialogar, aproximar e trabalhar em conjunto com a sociedade. Um leque de ações é desenvolvido pelos museus que buscam promover essa relação, sobre as quais podemos elencar: elaboração de exposições, visitas mediadas, palestras, teatros, visitas teatralizadas, contação de histórias, rodas de discussão, cursos curtos, audioguias, aparatos interativos, curadorias participativas, mediação online, mídias sociais, oficinas diversas, entre outros.

A relação dos museus com os professores, a escola e a universidade também vem sendo realizada e aprofundada a partir de diferentes estratégias. Em grande medida, é possível dizer que o estreitamento dessa relação representa a abertura para a escuta e o trabalho em colaboração. Aliado a isso, uma perspectiva de enxergar a educação como uma dimensão humana para além da escolarização e, conseqüentemente, a valorização de outros espaços formativos vem sendo discutida recentemente (CASTRO, 2015; MARANDINO, 2017). O debate em torno das especificidades e do lugar social das instituições de cultura e educação é de tempos em tempos renovado. Lopes (1991), defendendo uma revisão nas estratégias e compreensão do lugar educativo dos museus, pontuava que este não deveria ser uma mimesis dos processos educativos escolares. Discussões relativas à não hierarquização e compartimentalização dos espaços de formação e de saberes não é algo notadamente novo. Num extremo encontram-se os defensores da escola como locus privilegiado da formação humana, em suas mais diversas dimensões. Sendo assim, a escola prepararia futuras gerações para inserção no mundo do trabalho e práticas sociais; a escola legitimaria um saber que é fundamento para distribuição de bens simbólicos e materiais que enquadrariam os sujeitos em determinadas posições sociais. Em nosso meio, a obrigatoriedade da educação básica, para além de um direito, seria demonstrativo de sua importância no plano social, político e econômico.

Num outro polo encontram-se postulantes de uma formação que poderia, inclusive, não depender da escola, ou seja, a sociedade admitiria, nesta ótica, perfeitamente passar bem

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

sem a escola, postulando uma sociedade sem escola. A escola, para um conjunto de críticos, serve de aparelho reprodutor de uma dada ordem societária, ou ainda como reforçadora de um dualismo que fortalece a sociedade de classes (SAVIANI, 2008).

Um matiz significativo situa-se entre esses pólos de compreensão do papel e do lugar da escola e universidade. Por outro lado, encontram-se pensadores que propõem uma concepção de formação que contribua para a emergência de um novo modelo societário. Nesse grupo, encontra-se o italiano Antonio Gramsci. Para ele, a escola deveria possuir o estatuto de “escola desinteressada”, a saber, aquela que conjugasse os pressupostos de uma escola do trabalho, entendido enquanto dimensão ontológica humana, e a educação enquanto exercício do conhecimento e domínio sobre o mundo. A escola “interessada”, ao contrário, era aquela, a seu ver, que se constituía intrinsecamente perversa, reservando às classes populares uma formação aligeirada, voltada para os interesses do mercado.

Pensando nesses termos, é que Bourdieu e Darbel (2007), já na década de 1960, desenvolveram um estudo sobre o capital cultural do público de museus de cinco países na Europa. Neste sentido, observa-se uma destinação de timbre aristocrático de uso e acesso aos museus: apenas a uma pequena parcela da população era concedido o direito de adentrar seus domínios (BOURDIEU e DARBEL, 2007; KOPTCKE, 2005). Numa outra direção, autores postulam a ideia de que a escola e demais instituições de formação devem trabalhar em conjunção na formação integral dos sujeitos.

Em face destes debates, iniciativas de estreitamento dos museus com as escolas e universidades colocam a possibilidade do fortalecimento de objetivos atinentes à formação integral e participação. Nas linhas que seguem, apresentamos parte desse esforço interpretativo e prático estabelecido entre o Museu da Vida e um público especializado (professores e futuros professores) a partir do Programa “Encontros de Professores”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados produzidos pela pesquisa são fruto de informações constantes nos formulários auto aplicados por ocasião dos Encontros de Professores no período de 2014 a 2017 (4 anos), conforme apontamos acima. Neste artigo, apresentamos uma fração dos resultados que dizem respeito ao perfil desses participantes buscando responder à indagação de quem são os professores, que vínculos profissionais e de formação possuem, de que grupos etários estávamos lidando e qual a origem geográfica das escolas onde trabalham os profissionais. Desse modo, os resultados estão agrupados em 4 categorias: perfil etário,

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

formação acadêmica, atuação profissional e local/cidade de exercício da docência. A quantidade de questionários preenchidos válidos neste período alcançou o total de 1.096 (mil de noventa e seis). Todavia, deve-se ressaltar que em alguns gráficos teremos um “N” (total de respondentes) menor do que o universo pesquisado, em razão de omissão de dados nas respostas dos participantes.

O Programa denominado “Encontros de Professores” (EP) é hoje dirigido a docentes, profissionais da educação em geral, estudantes de graduação, gestores e educadores de instituições não escolares e interessados em conhecer a proposta educativa do Museu da Vida, instituição museológica da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Iniciativas voltadas para o público da educação escolar se constituíram num anseio deste a formulação de uma proposta para a criação do Museu da Vida (SPCOC, 1994). O Museu da Vida é inaugurado no ano de 1999 e, desde então, vem desenvolvendo diversas atividades voltadas aos profissionais da educação básica (REIS, 2005; GRUZMAN e REIS, 2009). Inicialmente voltado apenas a professores, o Programa ampliou seu escopo de atuação para atender também o que chamaríamos de “professores em formação inicial” (oriundos dos cursos de formação de professores – curso Normal e das licenciaturas). Consequentemente, os EPs passaram a receber um público heterogêneo. Nos dados do período em apreço aqui neste texto, observamos que a ocorrência de um grupo jovem pode ser fruto dessa abertura para futuros professores (Gráfico 1).



Gráfico 1 - Perfil etário - EP 2014 a 2017 (Fonte: os autores. N: 771)

No gráfico acima, agrupando os três primeiros, teremos um total de 43% de participantes entre 15 e 29 anos. Tal dado pode corroborar com as informações sobre a escolaridade e formação acadêmica dos respondentes do estudo. Conforme apresentamos no

gráfico abaixo (Gráfico 2), a metade ora não tinha graduação ora estavam cursando este nível de ensino.

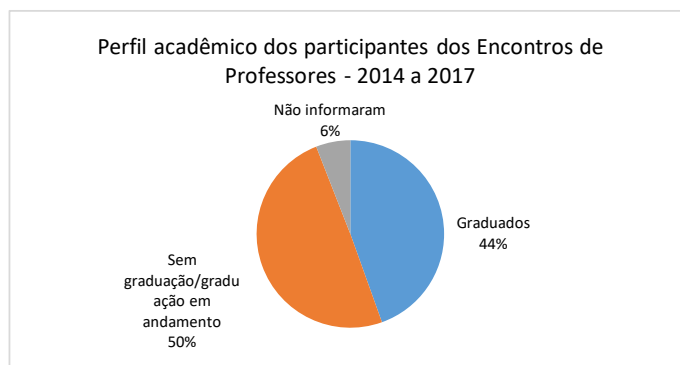


Gráfico2 – Perfil acadêmico dos participantes dos Eps - (Fonte: os autores. N: 1096)

Dentre o número de participantes que indicou já estar atuando em Educação vemos uma distribuição de formações com um volume maior entre pedagogia e ciências biológicas (Gráfico 3). Em primeiro lugar, convém ressaltar que é bastante comum a presença de pedagogos e pedagogas atuando na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental, em função das próprias diretrizes que delineiam essa formação. Este dado sinaliza e encontra-se em acordo com uma informação já apontada em estudo anterior no tocante ao público do Museu da Vida: a maioria é formada por escolares e, predomina o segmento de estudantes da educação infantil e ensino fundamental (MANO, DAMICO, GOUVEIA e GUIMARÃES, 2015). Em segundo lugar, o Museu da Vida é um espaço de preservação, pesquisa, educação e comunicação de acervos e conteúdos ligados, em especial, às ciências naturais, à história da ciência e ao patrimônio cultural das ciências e saúde. Consequentemente admite-se que será sintomática a presença de profissionais e carreiras que orbitam nessa área de conhecimento. Ou seja, professores de ciências e biologia, em especial, vêem a instituição como possibilidades de diálogos com os saberes circulantes na escola e no currículo.

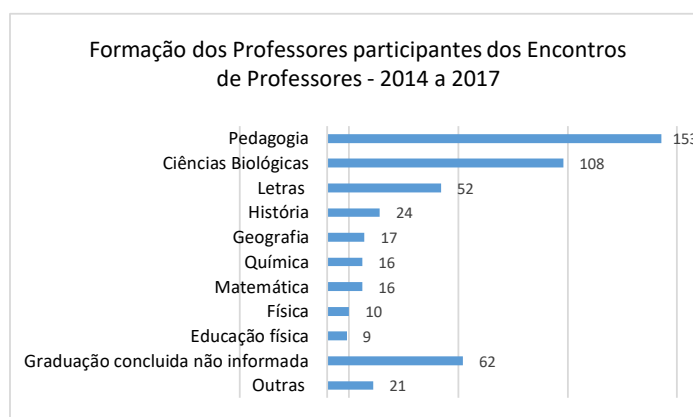


Gráfico 3 – Perfil de formação acadêmica dos professores – (Fonte: os autores. N: 488).

A tabulação nos permitiu ainda destacar qual o vínculo de trabalho dos que informaram atuar no magistério. A grande maioria dos participantes (70%) possui vínculo com instituições públicas de educação (Gráfico 4). Ou seja, o professor que frequentou este tipo de programa é oriundo, fundamentalmente, da escola pública. Sobre este dado podemos relacionar ao estudo de Cazelli (2005), considerado atual, em face de outros estudos que corroboram os achados, no qual apresenta a escola pública como uma porta de acesso de seus alunos aos museus e centros culturais na cidade do Rio de Janeiro. Para a autora, jovens residentes na cidade acessam os museus por meio de suas famílias ou escolas. No caso específico dos jovens de estratos socioeconômicos em desvantagem, a autora concluiu que as escolas municipais, lócus desse segmento de público, visitam mais frequentemente os museus do que as escolas particulares. Desse modo, a presença majoritária de professores e profissionais de educação das redes públicas fortalece ainda mais essa relação e porta de acesso a esses equipamentos culturais. Um conjunto causal pode ser depreendido a partir deste dado, o que não é objeto deste texto, dentre os quais pode-se citar: a maior/menor flexibilidade para deslocamento em atividades extraescolares, maior/menor investimento escolar em atividades culturais, chancela dos pais e responsáveis para visita e este Museu, e outros.

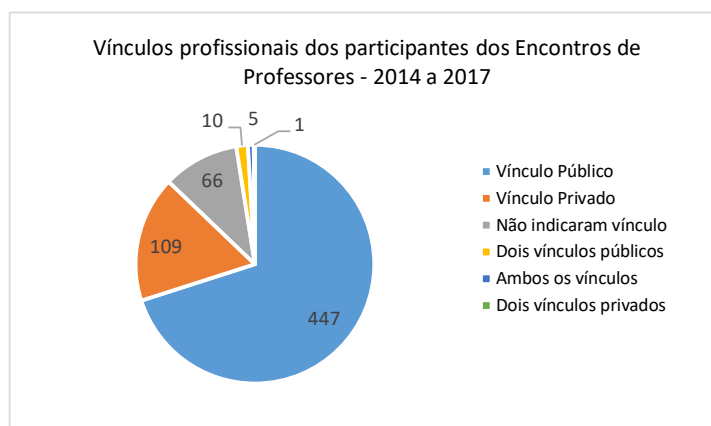


Gráfico 4 – Vínculos profissionais participantes dos EPs – (Fonte: os autores. N: 622)

No tocante às cidades representadas pelos participantes do Programa, observamos que o maior número ainda se refere a professores da cidade do Rio de Janeiro. O quadro a seguir (Gráfico 5), relaciona as cidades e o quantitativo de professores neste período.

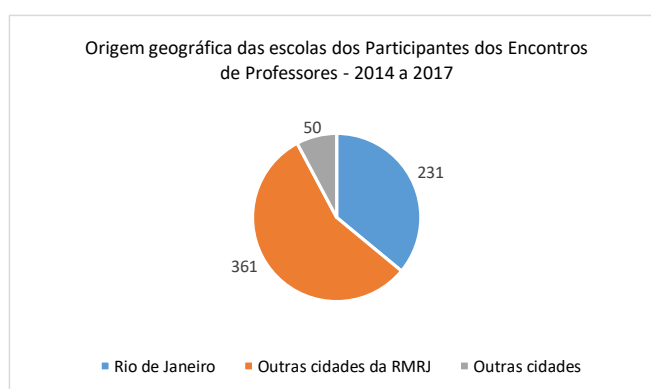


Gráfico 5 - Origem geográfica das escolas – (Fonte: os autores. N: 642)

Ao abrirmos os dados, notamos que a cidade de Duque de Caxias, distante cerca de 15km do Museu da Vida, figura em 2º lugar no número de participantes, seguida pelo município de Nova Iguaçu (distante cerca de 30 km do Museu). A participação de professores de escolas localizadas na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ), de certo modo, já era esperado (Gráfico 6). Todavia, chama atenção que no período em estudo, cidades localizadas distantes da RMRJ figurem em maior número de participantes do que cidades desta Região (Gráfico 7).

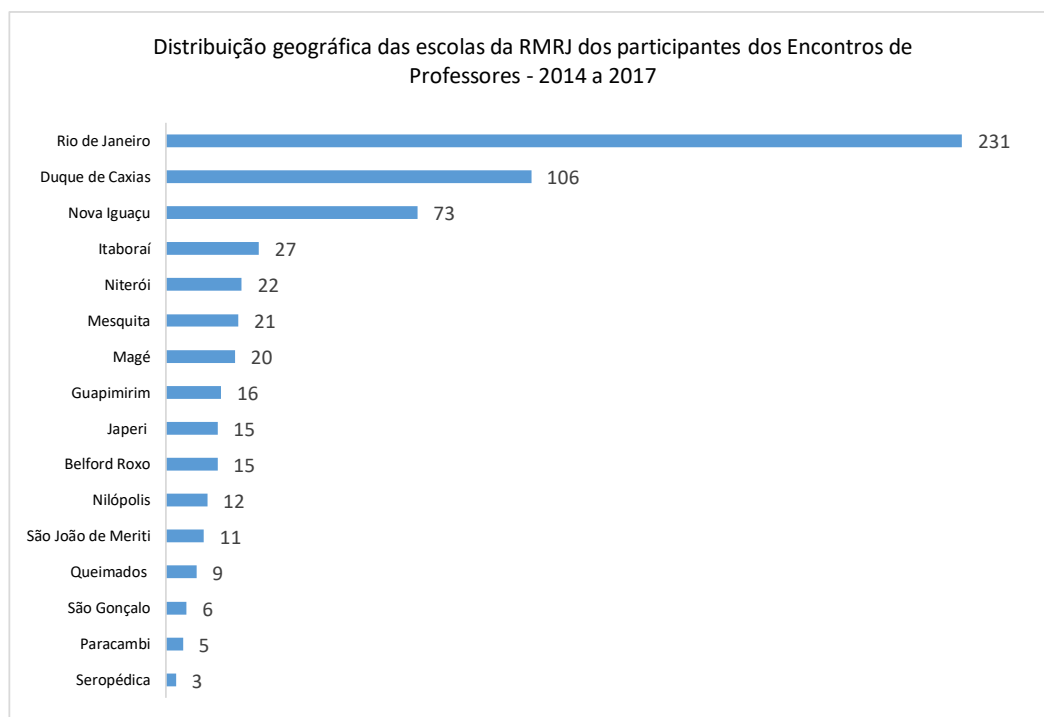


Gráfico 6 - Distribuição geográfica das escolas da RMRJ – (Fonte: os autores. N: 592)

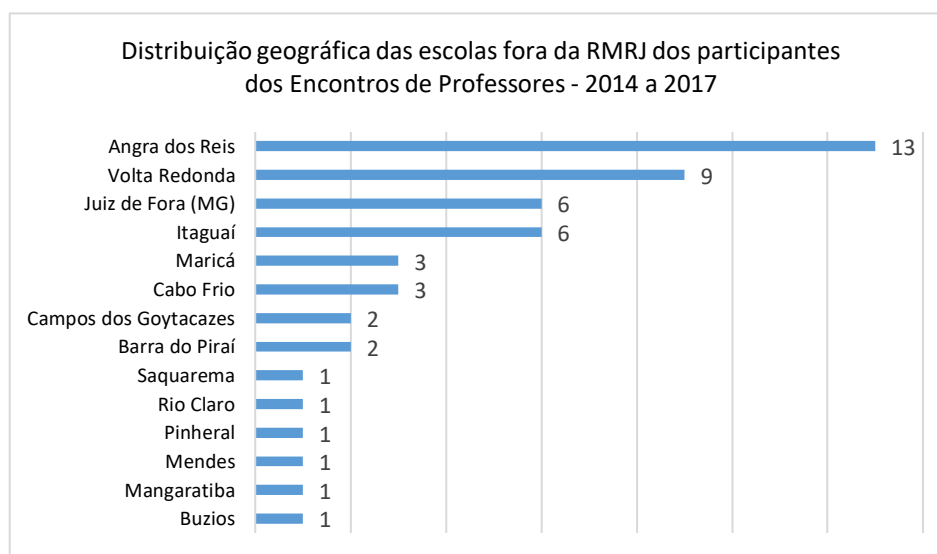


Gráfico 7 - Distribuição geográfica das escolas fora da RMRJ – (Fonte: os autores. N: 50)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu, em primeiro plano, perceber a necessidade de aproximação do Museu com as escolas e a universidade no intuito do conhecimento do perfil, atuação profissional, origem geográfica e formação dos participantes. O recorte aqui apresentado deixa explícito os desafios para o aperfeiçoamento desta ação. Entende-se que um percurso formativo de professores pode incorporar iniciativas como essa. Ou seja, a julgar pelos dados

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

de formação acadêmica, um público significativo de futuros professores participa desta ação de formação, o que muito interessa ao Museu da Vida. De um lado, entende-se como virtuosa a participação de profissionais vinculados às redes públicas de ensino, por outro lado, os dados apontariam para a necessidade de maior prospecção e trabalho com o segmento das redes privadas. Deve-se ressaltar que no conjunto das visitas escolares ao Museu da Vida, há um equilíbrio entre o público das redes públicas e privadas (MANO, DAMICO, GOUVEIA e GUIMARÃES, 2015, p. 26). Entretanto, quando observamos uma ação específica do Museu voltada para professores, a presença do segmento Público é majoritária.

Quanto à origem geográfica das escolas representadas pelos professores, a presença da cidade do Rio de Janeiro figura em primeiro lugar no volume de participação (231 professores). Quando reunimos os municípios da Baixada Fluminense (9 cidades), segunda região mais populosa do Estado do Rio de Janeiro, com mais de três milhões de habitantes, notamos que o número supera o da capital (283 professores). Um conjunto de inferências poderia ser realizado aqui, o que não será feito em razão dos limites do texto.

Um desafio colocado aos museus das mais diversas tipologias é trabalhar com a perspectiva da interdisciplinaridade. Em geral, professores organizam visitas a museus que possuem afinidades curriculares com sua disciplina. Isso estaria ligado, entre outros aspectos, às possibilidades de relações possíveis a serem trabalhadas em sala de aula a partir da visita. Desse modo, é tarefa do Museu construir uma concepção de visita e trabalho educativo que vá além da perspectiva disciplinar e que lide com o horizonte do trabalho com o patrimônio cultural, o exercício da cidadania, o hábito de acessar equipamentos culturais e a compreensão crítica dos desafios de nosso tempo. No estudo, constatamos que Pedagogas e Pedagogos, seguidos por professoras e professores de Ciências e Biologia, são os maiores frequentadores dos Encontros de Professores. Embora a construção do trabalho interdisciplinar não dependa exclusivamente do Museu, entendemos que é possível construir estratégias que auxiliem neste processo. Face aos dados e análises possíveis neste estudo, concluímos que o fortalecimento da relação dos museus com outros espaços educativos pode potencializar a dimensão da formação humana numa perspectiva integral.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P.; DARBEL, A. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. 2. ed. São Paulo: Editora Zouk, 2007.

CASTRO, Fernanda. Há sentido na educação não formal na perspectiva da formação integral? *Revista Museologia e interdisciplinaridade*, Brasília, v. 4, n. 8, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/14999/12204>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

CAZELLI, S. *Ciência, cultura, museus, jovens e escolas: quais as relações?* Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Departamento de Educação. Rio de Janeiro, 2005.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRUZMAN, C.; REIS, B. Práticas educativas e os museus de ciência: subsídios para pensar a formação de professores. In: GOLDBACH, Tânia; FRIEDRICH, Margarete Pereira; LEITE, Sidnei Quezada Meireles. (Org.). *Ensino de Ciências - saberes escolares e saberes científicos*. 1ed. Rio de Janeiro: CEFETEQ, 2009, v., p. 55-68.

KÖPTCKE, L.S. Bárbaros, escravos e civilizados: o público dos museus no Brasil, In: Chagas, M., S., (Org.) *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 31, p. 184-205, 2005.

MANO, Sonia Maria Figueira; DAMICO, José Sergio; GOUVEIA, Fabio Castro; GUIMARÃES, Vanessa F. *Cadernos Museu da Vida: O público do Museu da Vida (1999-2013)*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz - Casa de Oswaldo Cruz; Museu da Vida, 2015. n. 5.

MARANDINO, Martha. Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal? *Rev. Ciênc. Educ.*, Bauru, v. 23, n. 4, p. 811-816, 2017.

PAPAVERO, N., & TEIXEIRA, D. Remessa de animais de Santa Catarina (1791) para a “Casa dos Pássaros” no Rio de Janeiro e para o Real Museu da Ajuda (Portugal). *Arquivos De Zoologia*, v. 44, n. 4, p.185-209, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/azmz/article/view/85239/88065> . Acesso em: 10. Jul. 2019.

REIS, Bianca S. S. *Expectativas dos professores que visitam o Museu da Vida/Fiocruz*. 2005. 106 p. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

SANTOS, Myriam Sepúlveda. Os museus Brasileiros e a constituição do imaginário nacional. *Soc. Estado.*, Brasília , v. 15, n. 2, p. 271-302, Dec. 2000 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269922000000200005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10. Jul. 2019.

SAVIANI, Demerval. *Escola e Democracia*. Edição Comemorativa. Campinas: Autores Associados, 2008. 112p (Coleção Educação Contemporânea).

SOCIEDADE DE PROMOÇÃO DA CASA DE OSWALDO CRUZ/SPCOC. *Espaço Museu da Vida: Museu de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - Proposta*. Rio de Janeiro: [s.n.], abr. 1994. 101, [25]p.